

Darwin por Manoel Bomfim¹

Darwin by Manoel Bomfim

Celso Noboru Uemori*

RESUMO

A noção de “luta pela existência” de Charles Darwin foi apropriada por diversas tendências intelectuais e serviu a vários propósitos políticos. Ela deu suporte para aqueles que queriam legitimar o capitalismo, fazer apologia do individualismo, do mercado, do fim dos monopólios e da competição. Ensejou concepções conservadoras como a prática da eugenia, a justificação do elitismo, da conquista e da colonização dos europeus sobre as populações asiáticas e africanas e o racismo. A idéia de luta pela existência foi trabalhada, também, por intelectuais que defendiam a idéia de que lutar pela vida relacionava-se à solidariedade e à cooperação. Manoel Bomfim sofreu influência de Darwin e beneficiou-se de suas idéias para elaborar argumentos, graças aos quais foi visto por seus intérpretes como um autor “radical” e original.

Palavras-chave: Darwin; darwinismo; altruísmo.

ABSTRACT

Charles Darwin's notion of a 'struggle for existence' has been appropriated by several intellectual currents of opinion, and used for various political purposes. It has served to support free market capitalism, as an apologia of individualism, the market, the end of monopolies, and competition. Conservative conceptions have been based on it: the practice of eugenics, the justification of elitism, of the conquest and colonization of Asian and African peoples by the European, and of racism. On the other hand, the idea of a struggle for existence has been worked on by intellectuals who argued that it was related to solidarity and cooperation. Manoel Bomfim was influenced by Darwin and used his ideas to form arguments which have led his interpreters to see him as a 'radical' and original author.

Keywords: Darwin; darwinism; altruism.

* Doutor em Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP), Professor Temporário na Faculdade Metropolitana de Caieiras. Rua México, 100 — Centro. 07700-000 Caieiras — SP — Brasil. celso.uemori@uol.com.br.

“Ser bárbaro ou civilizado depende do observador e do momento.”

Manoel Bomfim. *O Brasil nação*

“Darwin chegou inevitavelmente a um ponto de vista que era chocantemente relativo.”

Adrian Desmond; James Moore.

Darwin: a vida de um evolucionista atormentado

Médico por formação, professor, autor de livros que abrangem diferentes assuntos, inclusive História, Manoel Bomfim (1868-1932) é lembrado pelos seus intérpretes por ter sido um autor relegado por muito tempo, pela crítica dirigida à classe dominante brasileira, por ter se constituído em uma exceção no meio intelectual de sua época ao se opor radicalmente contra a idéia que relacionava o “atraso” econômico, social e político do Brasil à constituição mestiça da população e por ter enxergado que as nossas mazelas socioeconômicas tinham a ver com a forma como se deu a colonização portuguesa — caracterizada pelo parasitismo ibérico — e a herança nefasta que esta legou e que impedia a transformação do país. Percorrendo sua obra dedicada à História do Brasil, percebemos uma trajetória intelectual cheia de nuances, de idiossincrasias, mas em três aspectos o pensamento de Bomfim permaneceu inalterado: o sentimento nacionalista, a recusa em aceitar a teoria racial que inferiorizava os não-brancos e a admiração por Charles Darwin. As idéias deste foram apropriadas por diversos autores (liberais, conservadores, anarquistas, socialistas) e com diferentes propósitos políticos e ideológicos. Manoel Bomfim participou desse debate. Neste artigo, tratamos da importância do cientista inglês na construção de certas idéias de Bomfim, graças às quais muitos intérpretes do pensamento do autor de *A América Latina: males de origem* denominaram-no “radical”.

DARWIN E BOMFIM

Os estudiosos do pensamento de Manoel Bomfim sublinharam a sua análise contrastante em relação à opinião corrente, influenciada esta pelo racismo científico. A indagação de quem lê os livros do autor recai sobre como ele conseguiu escapar da força persuasiva das teorias raciais que ganharam tantos adeptos na Europa, nos Estados Unidos e na América Latina. Para enfatizar o “radicalismo” e a originalidade de Bomfim, este foi comparado a

Sílvio Romero, Nina Rodrigues, Euclides da Cunha e Oliveira Vianna, os quais eram sabidamente adeptos da teoria das desigualdades das raças.

O “contradiscorso” ou discurso crítico de Manoel Bomfim produziu estranhamento. O historiador norte-americano Thomas Skidmore achou curiosa a conclusão do intelectual sergipano, quando poucos europeus e norte-americanos negaram-se a aceitar a “teoria das raças inferiores”.² Skidmore, de acordo com Ronaldo Conde Aguiar, desconhecia, pelo menos não mencionou em seu livro, o fato de Bomfim ter estado em Paris no começo do século XX, quando iniciou a redação da obra *A América Latina*, e teve contato com “as mais recentes tendências da antropologia”. Portanto, ao contrário da afirmação do brasilianista, Bomfim estava familiarizado com a produção das teorias que poderiam subsidiar a crítica aos pressupostos racistas. Durante a sua permanência na Sorbonne, estagiando no laboratório de Alfred Binet, leu as obras de Waitz, Martin de Moussy, Quatrefages e, possivelmente, Bagehot. Estes autores foram mencionados em seus escritos e contribuíram para a elaboração de sua argumentação. É possível encontrar, também, ressonâncias de autores anarquistas, como Kropotkin, Proudhon e Bakunin. Parte da obra de Marx pode ter sido lida por Bomfim.

Sem subestimar a influência dos autores aqui citados, queremos ressaltar a importância de Darwin. Este foi a sua maior influência, a quem se referia com enorme admiração e de quem se serviu. Entre 1905 e 1910, Bomfim pretendia escrever um estudo sobre o naturalista inglês, o qual deveria se chamar *A Moral de Darwin*. Ademais, a influência de Darwin sobre o pensamento do nosso autor é perceptível lendo-se os livros didáticos de zoologia que este produziu e nos quais a teoria do naturalista inglês ocupa um lugar central.³ Na trajetória intelectual de Bomfim há inflexões em seu pensamento, porém a influência de Darwin nunca deixou de existir. Por isso insistimos em enfatizar a importância do autor de *A origem das espécies*.

DIFERENTES APROPRIAÇÕES DAS IDÉIAS DE DARWIN

Um leitor atento de Darwin poderia ser levado a negar os valores absolutos e universais e questionar a concepção segundo a qual a Humanidade estaria hierarquicamente dividida em raças superiores e inferiores, ou ainda que o homem branco ocidental ocupava o ápice da evolução. Na teoria de Darwin, a sobrevivência de determinada espécie ficava na dependência da relação entre as características geneticamente herdadas e o meio. Por exemplo, a pelagem grossa de um animal em clima quente seria um desastre, mas, um feliz

caso de adaptação a um ambiente frio. Transportando-se essa percepção para o campo da moral, o bem e o mal, o vício e a virtude não poderiam ser definidos em termos de valores absolutos e universais, pois estavam condicionados ao contexto social; portanto, a sua teoria abria o caminho para o *relativismo*. Bomfim afirmou que “ser bárbaro ou civilizado depende do observador e do momento”.⁴ A raiz dessa asserção, reveladora da sua adesão ao “relativismo”, estava fincada na teoria do cientista inglês.

Em grande medida pode ser atribuído a Darwin o ataque desferido pelo nosso autor aos teóricos que defendiam a existência de raças superiores e inferiores e justificavam a escravidão com base nesse argumento. Ainda que o autor de *A origem das espécies* acreditasse na superioridade cultural dos britânicos e tivesse manifestado o seu horror ao ver os fogueiros — os quais ainda estariam vivendo como bárbaros — quando de sua viagem a bordo do *Beagle*, ele confiava na capacidade de “aperfeiçoamento” dos “selvagens”.⁵

No interior das concepções de Darwin encontram-se elementos importantes para contestar as diversas correntes que, no século XIX, queriam provar a inferioridade dos não-brancos e não-ocidentais com argumentos supostamente científicos. Essas correntes pseudocientíficas podem ser divididas em três “escolas”:⁶ a etnológica-biológica, a histórica e o darwinismo social. A primeira originou-se na segunda metade do século XIX nos Estados Unidos, migrou para a Europa e chegou ao Brasil mediante etnólogos e antropólogos que liam e admiravam cientistas franceses e alemães. O zoólogo suíço Louis Agassiz (1807-1873), que trabalhava em Harvard, foi o representante mais destacado dessa escola.

Os proponentes desse grupo criaram uma versão laica da teoria cristã (poligenista) da origem do homem. Agassiz afirmava que a explicação para a existência de várias espécies de animais residia na diversidade climática. As diferenças de clima serviram, do mesmo modo, de argumento para explicar por que havia várias espécies humanas. A asserção se completou ao conferir uma base “científica” para a afirmação segundo a qual os homens que viviam no clima temperado, ou seja, os brancos ocidentais, eram superiores aos povos não-brancos. Havia, pois, uma relação mecânica e automática entre o meio e as características físicas de cada espécie, mesmo entre os homens.

Para Darwin, em contraposição, o sucesso ou o fracasso de uma espécie dependia do fator interno (a herança genética) e do fator externo (o meio). É a seleção natural que “escolhe” quem sobreviverá, gerando descendentes, e quem desaparecerá. Portanto, ele quebrou o esquema binário meio/características fenotípicas. A partir de suas descobertas, ficava difícil afirmar, em pri-

meiro lugar, que o habitante do clima temperado era superior ao que residia em locais de clima quente; segundo, que havia povos adiantados e atrasados; terceiro, que os discursos racistas tinham uma fundamentação científica e que estavam desconectados dos interesses políticos e econômicos.

A respeito deste último aspecto, o naturalista inglês captou com muita argúcia o enlace entre a política e as teorias raciais. Em carta endereçada a A. W. D. Fox, em 4 de setembro de 1850, Darwin se referiu a Louis Agassiz e à versão deste sobre a origem da humanidade a partir de “vários centros de criação”, que correspondia às diversas raças humanas (teoria poligenista). Deus criara brancos e negros como espécies separadas, e a mistura só poderia trazer conseqüências desastrosas, afirmava. Na carta, Darwin mencionou as conferências proferidas por Agassiz nos Estados Unidos, “nas quais ele [sustentava] a doutrina das diversas raças” e completou: “para grande alegria, diria eu, dos sulistas”. O naturalista inglês associou as proposições do naturalista norte-americano com os interesses escravistas. Além disso, não será demais lembrar a aversão de Darwin pela escravidão, sentimento que nasceu por ocasião da viagem do jovem naturalista a bordo do *Beagle*, quando aportou no Brasil e ficou impactado frente ao espetáculo de violência e de sadismo oferecido pelos senhores no trato com os seus escravos. Jurou nunca mais pôr os pés num país que admitisse a escravidão (Gould, 1996, p.182).

A escola histórica, a segunda vertente, contou com figuras como Thomas Carlyle e Gobineau. Articulava raça e história para reforçar teses racistas a respeito da superioridade dos brancos. Havia evidências de que a raça ocupava um papel central na história, e esta revelava que os ocidentais não eram vencedores por acaso. Possuíam capacidade inata para a criação, a civilização e o progresso. A “ciência” autorizava, pois, que os países do Atlântico Norte se tornassem os senhores da Terra. Darwin mais uma vez pode ser invocado para fazer a crítica a essa vertente do pensamento racista. Para o naturalista há elementos que permitem contestar a tese de que a humanidade está hierarquicamente dividida entre povos superiores e inferiores. Na teoria do autor de *A origem das espécies* não existe um critério a partir do qual seja possível classificar as espécies segundo a definição de quem seria superior ou inferior. Para Darwin o decisivo era pensar o ser relativamente aos antepassados e não em relação a outras espécies. Em outros termos, somente deturpando o raciocínio de Darwin poder-se-ia afirmar que há espécies melhores ou piores. Ademais, outra grande novidade das descobertas de Darwin é que na evolução dos seres vivos não existe um sentido obrigatório e nem um ponto fixo, um lugar mais alto, no qual estaria a espécie humana. Essa asserção permite dizer

que inexistia no pensamento de Darwin a noção de progresso, no sentido da mudança qualitativa do simples para o complexo, do homogêneo para o heterogêneo, tal qual definido por Spencer. A partir das idéias de Darwin seria impossível construir uma escala evolutiva na qual os brancos estariam no topo e os povos não-brancos ocupavam postos “inferiores”.⁷

Ademais, não será descabido afirmar que a crítica de Bomfim aos intelectuais brasileiros que se contentavam em assimilar e reproduzir idéias alheias, sobretudo quando elas vinham chanceladas pela autoridade de cientistas renomados da Europa e dos Estados Unidos (como Agassiz, Lapouge, Gobineau etc.) pode ter tido em Darwin uma inspiração. Percebe-se nas cartas do cientista inglês, ou mesmo nos textos de seus biógrafos, a sua preocupação em submeter todas as idéias e concepções existentes ao crivo da observação, da experiência e da crítica. Em suas cartas, ele deixa entrever que o trabalho científico exige que se submetam as descobertas heterodoxas à crítica dos adversários.⁸

A crença segundo a qual a “verdade” científica construía-se no embate entre opiniões divergentes, que pode ser imputada a Darwin, era comungada pelo nosso autor. É a partir dessa perspectiva que concordamos com a boa observação de Darcy Ribeiro, para quem Manoel Bomfim distinguia-se na ambiência intelectual da época pela sua capacidade de “olhar ao redor de si, com olhos capazes de ver as evidências. Outros apenas liam e citavam”.⁹

DARWINISMO, ALTRUÍSMO E “AJUDA MÚTUA”

A história da obra *A origem das espécies* está ligada às idéias heterodoxas nela contidas, bem como aos usos e abusos políticos a que ela se prestou. A noção-chave de “luta pela existência” serviu aos mais diferentes propósitos políticos. Uma interpretação possível da teoria de Darwin consistia em conceber os organismos vivendo em eterno conflito de todos contra todos. O naturalista inglês revelou que as espécies eram mutáveis e na evolução muitos organismos e espécies morriam. Darwin rompia com a tradicional concepção de um Deus benévolo, que teria criado e ordenado um mundo (a Natureza) estático, harmonioso, com cada ser ocupando o seu lugar fixo em um sistema hierárquico ascendente, no qual o homem ocuparia o ponto mais alto.

O mecanismo da seleção natural, a força cega que “escolhia” quem viveria e quem morreria foi pensado, segundo o próprio Darwin, a partir da obra de Malthus, *Ensaio sobre a população*. Desse modo, a seleção natural, conceito biológico, foi inspirada em um livro de economia política. Posteriormente,

A origem das espécies, livro que trata dos seres se relacionando na natureza, serviu para dar fundamento a discursos político-ideológicos.

A percepção de que havia leis que presidiam a vida dos animais, das plantas e, também, dos seres humanos e das sociedades atraiu a atenção de muitos. A “luta pela sobrevivência” ocorria tanto na natureza quanto nas sociedades, logo, nos dois casos o progresso implicava competição, violência, dor, combate e morte. Essa idéia seria apropriada em países como Inglaterra, França e Alemanha, que assistiam assombrados aos avanços da industrialização, à ampliação em escala planetária do comércio, à ascensão da burguesia e do proletariado e ao aumento vertiginoso da população nos grandes cidades industriais. Essa visão foi útil para a legitimação do capitalismo, do individualismo – da realização do interesse pessoal –, das iniciativas de controle populacional, da depuração eugênica (eliminação dos alcoólatras, dos doentes, dos loucos etc.) e da tentativa de controlar as reivindicações dos trabalhadores. O darwinismo poderia reforçar o *status quo*, o elitismo, a conquista, a repressão, o racismo e o militarismo (visto como uma necessidade biológica). Tudo em nome da concepção de que a vida em sociedade é luta, competição em que há vencedores e perdedores, os aptos e os despreparados. Da teoria da seleção natural foram extraídos elementos para a defesa do livre mercado, do fim dos monopólios, considerados privilégios “não naturais”, pois tudo dependia da competição e do talento. Com base na teoria de Darwin, os grupos sociais ligados às indústrias e ao comércio e profissionais liberais tinham condições de reivindicar a retirada dos privilégios do clero e da classe proprietária de terras. Em poucas palavras, “isso transformava a natureza numa aliada das classes médias”.¹⁰

Se as proposições do cientista inglês forneceram material para os liberais, elas constituíram manancial para radicais ateus socialistas, os quais perceberam o potencial de crítica ao clero na concepção material, que era a base da análise darwiniana da vida dos organismos vivos, concepção essa que poderia ser transferida para o exame da sociedade. Poder-se-ia concluir, a partir da teoria de Darwin, que Deus não existia e que Ele nada tinha a ver com a origem, reprodução e evolução das espécies, já que os fenômenos explicavam-se através do mecanismo da seleção natural. Tudo dependia das variações úteis e das forças materiais, ficando eliminada qualquer atuação de instâncias transcendentais.

As idéias de Darwin foram apropriadas também pelos socialistas e anarquistas. Ambos os grupos idealizaram a vida social pautada na cooperação e na igualdade e rejeitaram a competição e o individualismo. Tomamos os

exemplos de Wallace, o socialista amigo de Darwin, e o anarquista russo Pieter Kropotkin. O primeiro distinguiu animais de pessoas e afirmou que mesmo os povos primitivos apresentavam “divisão do trabalho”: homens e mulheres dividiam-se, ficando uns encarregados de coletar e pescar, outros de plantar e colher. Realçou o fato de a divisão não se relacionar com a competição, mas com a cooperação, pois cada indivíduo se voltava para a comunidade. Por isso sublinhou a solidariedade existente nos momentos difíceis, como nos casos de doenças e na hora da distribuição de alimentos. De acordo com Wallace, a seleção natural aperfeiçoava as práticas que levavam à coesão social; a solidariedade, não a competição, proporcionava as condições de vitória na “luta pela existência”.

A afirmação da singularidade humana implicava a oposição ao determinismo biológico. Os seres humanos não eram governados pelas leis que regiam os animais, pois estes estariam sujeitos à mão de ferro de uma natureza violenta. Nos seres humanos, ao contrário, a inteligência, a criatividade, a capacidade de criar, de inventar permitiram vencer os óbices impostos pelo meio. Pertencendo ao mundo da cultura, humanos podiam usar as suas potencialidades para desenvolver laços de solidariedade, de sentimentos e práticas altruísticas. Wallace afirmou tudo isso com o propósito de revelar a sua utopia de uma sociedade em que prevaleceriam a “perfeição moral”, a igualdade e as associações voluntárias.¹¹

Se Wallace realçou a diferenciação entre seres humanos e animais, do ponto de vista da dicotomia cultura/natureza, Kropotkin desenvolveu a sua concepção de “Ajuda mútua” com base em um pretenso sentimento altruísta que existiria tanto no homem como no animal. Não descartou, contudo, que pudesse ser encontrado em ambas as espécies o sentimento oposto — o de dominar e de submeter¹² —, mas a cooperação, a vontade de se unir aos outros membros da espécie é um fator predominante na natureza, não se excetuando o homem. A teoria da evolução explicava a gênese e o desenvolvimento do instinto gregário entre animais e entre os seres humanos. Na luta pela existência, a cooperação constituía-se em um instrumento importante para a sobrevivência dos animais para enfrentar o frio, as inundações e a escassez de alimento, e para combater em condições vantajosas os inimigos, mesmo os mais bem equipados em termos bélicos. Ele mencionou os animais que vivem em bandos para caçar e se proteger dos predadores. A “Ajuda mútua” veio a ser, portanto, um fator crucial para a conservação e a evolução das espécies. No fundo, o assunto abordado adentrava o campo da ética. Kropotkin enxergou na “simpatia mútua” a “consciência moral” embrionária, base do sentimento

de justiça e igualdade. Por isso destacou o espírito de sacrifício entre os animais. Quanto à humanidade, referiu-se aos homens vivendo em entidades coletivas — o clã, a comunidade rural, as repúblicas de cidades livres e a fraternidade entre as nações. A obra *Ajuda mútua* foi escrita em 1902, em inglês, com o objetivo de refutar a tese exposta por Huxley no artigo “The struggle for existence in human society”, no qual o discípulo de Darwin afirmara que na natureza a vida caracterizava-se pela guerra de todos contra todos. A natureza era o palco de gladiadores, em que os instintos violentos prevaleciam, predispondo os organismos à luta e à competição. Nada mais distante desse universo do que a interdependência e o gregarismo entre os indivíduos. Portanto, esse comportamento amoral não poderia ser modelo para se pensar as sociedades civilizadas. Se estas fossem organizadas tomando-se como parâmetro o mundo dos animais, veríamos instalada a anarquia, ou seja, “o brutal mundo hobbesiano”.¹³

Kropotkin e Huxley sustentaram dois pontos de vista sobre a natureza: o primeiro acreditava na existência de um “instinto de simpatia”, a sua “parte mais nobre”; para o segundo, o seu “ser” era a luta sem freios e sangrenta. Para Kropotkin havia dissociação entre biológico e social; para Huxley não existia distinção: o que valia para os animais valia para o homem. Darwin constituiu-se no interlocutor privilegiado para ambos, já que na obra do cientista inglês é possível encontrar esses dois pontos de vista. Sua teoria da seleção natural afirmava que na complexa relação dos organismos vivos entre si e com o meio havia os vencedores e os perdedores. Isso poderia ocorrer através da competição e da luta ente indivíduos e espécies. A vitória ou a derrota poderia, entretanto, depender do grau de coesão, de solidariedade do grupo. Um reformista liberal poderia justificar a livre concorrência com base nessas idéias, e um anarquista poderia apoiar-se nos mesmos textos para dar sustentação teórica para a utopia em que os seres humanos viveriam em comunidades solidárias e fraternas. Portanto, a concepção de “luta pela sobrevivência” serviu aos mais diferentes propósitos políticos, cabendo a cada autor “pinçar” da obra de Darwin o aspecto que interessava. Assim procederam Huxley, Kropotkin, Manoel Bomfim e outros.

Nessa contenda teórica pela apropriação da noção de seleção natural, o pêndulo talvez se dirija para Kropotkin se considerarmos que, como lembrou Jay Gould, a luta pela existência, no sentido conferido pelo autor de *A Origem das espécies*, é uma metáfora e não uma “afirmação explícita sobre combate sangrento” (Gould, 1992, p.320). Ela pode se referir tanto à competição quanto à cooperação. Na teoria de Darwin, a idéia fundamental é a dependência

entre os seres vivos – e destes em relação ao meio –, a garantia da vida e a capacidade de deixar descendentes. A luta pela sobrevivência pode significar, por um lado, dois cães brigando por um alimento escasso; por outro, um vegetal tentando sobreviver no deserto¹⁴ ou uma planta que produz mais sementes do que a competidora e assim tem chances de deixar descendentes. Em poucas palavras, ele realçou a luta pela *vida* e não a destruição desta.

No livro *The descent of Man*, Darwin aproximou animais e homens. Ambos compartilhariam várias características comuns, como o “instinto de sobrevivência”, o “amor da mãe pelo descendente”, a imitação, os instintos adquiridos que são transmitidos aos descendentes, a atenção, a emoção, a memória, a imaginação, a escolha, a razão.¹⁵ Ademais, nas duas espécies predominaria o “instinto social”, as afinidades, a sociabilidade e a cooperação, ou seja, todos os fatores determinantes para manter a coesão, seja a do grupo, a da espécie ou a da sociedade.

DARWIN POR MANOEL BOMFIM

Manoel Bomfim ocupou-se de Darwin para salvá-lo das garras dos “teoristas do egoísmo e da rapinagem”, os quais justificavam, com base na concepção de luta pela existência, a dominação de classe, a exploração do trabalho, a extinção dos povos considerados inferiores e a guerra. Esforçou-se o autor de *A América Latina*, em primeiro lugar, para revelar o enlace entre discurso e política, tornando possível “desnaturalizar” toda forma de discriminação, de dominação e de guerra; em segundo, para explicitar a sua utopia, cuja existência humana, em todos os níveis, estivesse baseada na cooperação e no sentimento altruísta.

A “luta pela existência”, noção-chave para Darwin explicar a gênese e a evolução das espécies foi apropriada, como vimos, por diversos autores e com objetivos opostos. Para o esquema explicativo de Bomfim constituiu-se, também, em um elemento importante. O seu argumento se aproximou das proposições do socialista Wallace e do anarquista Kropotkin, embora ele não os tenha mencionado. Sua interpretação da “luta pela existência” é a mesma de Jay Gould: viu-a como uma metáfora. Os animais podem protagonizar combates cruentos por causa de um estoque de alimento reduzido, mas esse aspecto não esgota todo o seu significado tal qual concebido pelo autor de *A origem das espécies*, pois a “luta pela vida quer dizer tendência a viver, esforço para conservar a vida e propagá-la e não, simplesmente, conflito material, agressão cruenta” (Bomfim, 1993, p.249).

Darwin foi evocado para fundamentar a concepção das relações humanas fundadas na fraternidade. Daí a alusão à idéia de que o progresso social humano equivalia ao aprimoramento do sentimento altruísta e de solidariedade. Em nome de sua utopia identificou a superioridade humana e a capacidade de construir relações de cooperação, combatendo tudo o que se opunha à “harmonia e unificação da espécie humana” (Bomfim, 1993, p.250). O paralelismo entre vida social (humana) e vida animal serviu, agora, para afirmar que raras eram as disputas no interior da mesma espécie e que “nunca se faz[em] no sentido de um grupo obrigar o outro a trabalhar para si” (Bomfim, 1993, p.254).

Esse debate referia-se ao tema da evolução e da ética. Os contendores separaram-se em campos opostos e sustentaram duas visões da natureza. De um lado, a idéia de que ela impulsionava os seres vivos para a competição. De outro, a de que ela os predispunha para a vida coletiva e solidária. Se a natureza era amoral, ela não poderia ser guia para a organização da sociedade. Se ela era uma arena de gladiadores, poderia servir de pretexto para reforçar, naturalizando, as relações sociais e econômicas capitalistas. Se a natureza era, em oposição, moral e benfeitora, desse argumento seria possível retirar a proposição segundo a qual “a sociedade humana deve fundar-se em nossas inclinações naturais” (Gould, 1992, p.323), isto é, para a vida em que os indivíduos se aproximem dos outros, motivados unicamente pelos interesses da coletividade.

Recaiu sobre Darwin a atenção dos autores, não se excetuando Manoel Bomfim, para quem o naturalista inglês rompeu com a filosofia moral utilitarista inglesa.¹⁶ Ele se referiu à doutrina que preconizava a maximização da felicidade e a diminuição do sofrimento na vida das pessoas como o fim último da ação. Ao afirmar que Darwin rompera com os pressupostos dos utilitaristas, Bomfim recuperava a crítica que fizeram os adversários da escola de Jeremy Bentham. A objeção dizia respeito ao meio através do qual buscava-se a felicidade. A ressalva questionava o sujeito da ação, qual seja, o eu frio, calculista, hedonista que desprezava os sentimentos, as disposições naturais que levavam as pessoas a buscarem a companhia das outras. Darwin enfatizou as inclinações inatas dos seres para a vida coletiva, que eram indispensáveis na luta dos seres vivos para garantir a vida, a saúde e o bem-estar do grupo. Os utilitaristas enfrentaram a espinhosa questão de compatibilizar felicidade pessoal e felicidade coletiva, dado que era facultado às pessoas perseguirem-na individualmente. A solução preconizada para harmonizar os interesses, proposta por Bentham e Stuart Mill, consistia na reivindicação da aplicação de sanções externas, como a lei, a religião, a educação ou a opinião pública.¹⁷

O autor de *A origem das espécies* não precisou enfrentar essa questão, pois, de acordo com a sua teoria, as motivações morais não tinham relação com o cálculo dos agentes, mas com uma determinação da natureza. Por isso, Bomfim atribuiu ao naturalista inglês esta afirmação: a moral alicerçava-se nas inclinações instintivas dos indivíduos em se juntar aos demais, “fora de qualquer cálculo” (Bomfim, 1993, p.250). Em outros termos, as comunidades que não cuidavam da preservação das instâncias que cimentavam e davam força às coletividades poderiam desaparecer. Impossibilitados de enfrentar com sucesso as dificuldades impostas pelo meio e a competição com os grupos rivais, elas sofreriam a ação da seleção natural, que preservava quem conseguia manter-se coeso. As ações úteis eram aquelas que promoviam a aproximação entre os seres.

A idéia de comparar vida humana e vida animal, tendo em vista transformar vitórias e derrotas nas sociedades humanas em um dado “natural”, criando uma relação direta e mecânica do tipo vitoriosos/povos superiores e derrotados/povos inferiores, recebeu de Bomfim forte crítica. O seu argumento consistiu no seguinte: a disputa do chacal com outro chacal “faz valer apenas os seus recursos próprios”. Já nas sociedades humanas há outros elementos que definem quem vence e quem perde. A “luta pela existência” no universo humano envolveria “renome de família, fortuna herdada, prestígio de classe, dando a um deles tal superioridade que o faz vencer, quando, individualmente e isolado, ele seria vencido pelo seu competidor” (Bomfim, 1993, p.254). Se os índios da América foram derrotados pelos colonizadores europeus, isto não significa que havia a força ou a fraqueza essenciais. Os europeus venceram os nativos porque vieram mais bem equipados em termos bélicos. Para saber das razões da supremacia ocidental seria recomendável consultar livros de história militar, em vez de recorrer a tratados de biologia. Mesmo na natureza, os mais aptos para a competição não são necessariamente os mais fortes fisicamente. Os mastodontes e mamutes desapareceram, já as formigas multiplicaram-se.

A intenção de Bomfim consistia em realçar, primeiramente, que o paralelo entre mundo da natureza e universo social era uma metáfora, pois os mecanismos que garantiam a supremacia de indivíduos, grupos ou classes tinham a ver com elementos inerentes às sociedades de classes, como poder econômico, prestígio social etc. Em segundo lugar, que a natureza ensinava que a conjunção de interesses e esforços era um dado decisivo para o progresso social e o aperfeiçoamento da sociedade e das pessoas.

Entre os homens deveria predominar a solidariedade, o incentivo para o

aprimoramento do sentimento altruísta. A luta não pode ser entre as classes, as nações ou os indivíduos, mas dos homens contra a natureza. Bomfim fez a distinção entre natureza e cultura, afastando-se, pois, do determinismo biológico. Acreditava no poder da ciência, da tecnologia, da inteligência, elementos essencialmente humanos, para combater a fome, o frio, a pobreza, as moléstias, a velhice etc.

Para Manoel Bomfim, pretender aperfeiçoar as pessoas atirando-as em uma arena de gladiadores era uma aberração. Ele indagou se não seria absurdo querer melhorar o homem “fazendo-o voltar justamente à primitiva condição animal”. Ademais, se o homem possui esse “instinto” (o da competição), todo esforço deve ser feito para eliminá-lo (Bomfim, 1993, p.255).

Toda essa argumentação envolvendo as idéias de Darwin foi elaborada, principalmente, com o objetivo de criticar os que se apropriavam das concepções do naturalista, deturpavam-nas e punham-nas a serviço de discursos racistas e legitimadores do tráfico de escravos e da escravidão. O seu alvo no livro *A América Latina* foi o historiador português Oliveira Martins, que justificara um e outra em nome da teoria de Darwin.

A ênfase na idéia de solidariedade relacionava-se aos mais diferentes propósitos. Era a manifestação do desejo de ver o planeta transformado em um espaço comum para a convivência harmoniosa e pacífica da espécie humana. Tratava-se, aqui, do ideal de uma “Pátria Humana” (termo usado por Euclides da Cunha).¹⁸ No raciocínio de Bomfim a solidariedade universal tornar-se-ia realidade mediante a paulatina superação das desigualdades econômicas entre as nações, e, para a realização desse projeto, seria necessário fazer da ciência um instrumento de controle e dominação da natureza em benefício de todos os homens. O autor que fez tal afirmação era um intelectual em que o sentimento nacionalista e o cosmopolitismo conviviam. Ser cosmopolita significava querer ver o país participando da comunidade internacional ocidental. Ser patriótico implicava buscar a originalidade nacional. A coexistência de nacionalismo e de cosmopolitismo produziu um raciocínio no qual se tornava imperioso voltar-se para o interior do país e para o seu passado, tentando encontrar o “eu nacional”, mas sem perder de vista a Europa e sem cultivar “qualquer pensamento exclusivista” nem sustentar “qualquer preocupação agressiva”.¹⁹

Bomfim deixou clara a sua identificação com o país e o seu desejo de ver incorporadas à nação todas as pessoas, independentemente da classe social ou da etnia. Fica evidente para o leitor dos seus livros o seu esforço para contraditar os discursos racistas. Um efeito imediato do preconceito racial foi o de

estigmatizar os não-brancos, transformando-os em pessoas intelectualmente “incapazes”, permitindo o seu afastamento da concorrência em determinadas profissões, como na imprensa, por exemplo. Os protestos de escritores negros e mulatos, como Cruz e Sousa e Lima Barreto, são exemplos elucidativos. Nesse caso, a ciência serviu ao propósito de excluir. Bomfim dela fez uso para afirmar a sua vontade de ver destruídas as bases teóricas que sustentavam os pensamentos e as práticas de exclusão. Para combater o racismo e os seus propagadores ele evocou Darwin e suas concepções anti-racistas. A insistência na necessidade de se cultivar sentimentos altruístas, de construir relações humanas alicerçadas na solidariedade visava, entre outras coisas, afirmar que a nação brasileira deveria incluir fraternalmente, como cidadãos, todas as pessoas e estratos sociais. Ser altruísta e solidário implicava não ser racista.

A idéia de solidariedade não dizia respeito apenas às relações pessoais, de grupos e classes. No pensamento de Bomfim ela tinha uma conotação mais ampla e estava relacionada à percepção de alguns intelectuais que viam com apreensão a crescente interferência do imperialismo norte-americano sobre a América Latina. Ele percebeu o enlace entre os discursos em defesa do Pan-Americanismo e o interesse estadunidense em afastar a influência da Europa e consolidar a sua hegemonia. Quando grande parte da intelectualidade e da classe política brasileira aderiu ao projeto do governo norte-americano, nosso autor a ele fez oposição.

É a partir dessa postura política que podemos entender, em parte, o objetivo e o conteúdo do livro *A América Latina* e da ênfase na concepção de solidariedade. Nesse livro ele realçou o destino comum dos povos ibero-americanos, resultado de séculos de exploração e dominação colonial (o parasitismo ibérico), que geraram os “males de origem”. A idéia de solidariedade, nesse contexto, chamava a atenção para a necessidade de fazer convergir força e vontade dos países latino-americanos, tendo em vista contrapor-se politicamente ao inimigo comum, o imperialismo norte-americano. Em outros termos, quanto mais fracos os vínculos entre as nações latino-americanas, mais estariam expostas à ambição e à cobiça estadunidense e dos demais países que queriam “dividir a Terra entre si”.

O ambiente político-cultural das primeiras décadas da jovem República também favoreceu certo saudosismo de outra época e o desejo de buscar uma solidariedade perdida ou a ser construída no futuro. A intelectualidade via perplexa o caminho tomado pelo novo regime. Republicanos e monarquistas expuseram o seu desalento. O país transformado em cassino (o reino da “ladrageira e da jogatina”),²⁰ a mercantilização das relações, o individualismo

exacerbado e o desejo de alcançar prestígio social pela via da acumulação de riqueza configuram a imagem do caos. A República trouxe para o centro da vida pública o homem de negócios, os que voltavam todas as suas energias para o enriquecimento. No Império, ele existia como personagem marginal, pois os representantes mais proeminentes da Monarquia ocupavam-se principalmente com a política, como revelou Caio Prado Jr.²¹ Todas as barreiras de caráter moral que existiam no passado, para frear a ambição do especulador e negociista, foram suprimidas. Via-se a emergência de um “novo espírito”, o da busca da acumulação da riqueza a qualquer custo.

É a partir daí que se torna possível captar o significado da crítica ao *status quo* levada a cabo pela geração de Manoel Bomfim. Como tantos outros, ele enxergou na competição e no conflito não a possibilidade do progresso da sociedade e das pessoas, mas a desagregação e a imoralidade. A inteligência, o trabalho e o esforço nem de longe garantiam o sucesso profissional, segundo a ótica dos homens cultos que estavam descontentes com a República. Acusavam esta de ser o reino da mediocridade, dos espertos, dos calculistas, dos pragmáticos que apostavam no enriquecimento fácil e rápido.

Imerso nesse meio, nosso autor, e não só ele, defendeu uma curiosa relação com o Ocidente – modelo a ser seguido. Deste desejava-se a tecnologia, a ciência – elementos capazes de criar riqueza e bem-estar –, a democracia, mas rejeitava-se a competição e o conflito, o mercado, enfim. A percepção de estar vivendo em mundo hobbesiano motivou Bomfim a imaginar formas de convivência social em que predominassem a solidariedade e a harmonia. Pelo que foi aqui exposto, a concepção darwinista de “luta pela existência”, como sinônimo de concorrência e disputa, não tinha condições de encontrar terreno fértil para fincar raízes no Brasil da *Belle Époque*.

Ademais, a abolição da escravidão e a implantação da República não trouxeram transformações estruturais. O país continuava sendo uma economia agroexportadora e assentada no latifúndio e inexistia uma classe média urbana, a quem a concepção de luta pela existência serviria de justificativa ideológica contra a classe conservadora, a oligarquia.

Na Inglaterra da segunda metade do século XIX, as idéias de Darwin tiveram grande aceitação entre os industriais, comerciantes e profissionais liberais. A classe média em ascensão vislumbrou na teoria do naturalista a justificativa ideológica para atacar a Igreja e a aristocracia rural e para propagar a doutrina do livre-comércio, da competição, da meritocracia e do fim dos monopólios.

O que foi escrito explica, em parte, o motivo pelo qual Bomfim contra-

pôs à ética utilitária a “moral de Darwin” e fez a opção por esta. Aquela fora associada ao indivíduo calculista, insensível, pragmático, que agia tão-somente motivado pelo interesse pessoal. Essa caracterização da ética utilitária coincidia com a percepção da intelectualidade brasileira a respeito do comportamento amoral das pessoas no início do período republicano.

Torna-se compreensível, ademais, que o nosso autor não estivesse predisposto a aceitar a teoria de um Stuart Mill. Para o autor de *O utilitarismo*, o interesse público não podia estar em questão. Neste aspecto, Bomfim e Mill concordariam. No entanto, para Mill inexistia o vínculo, direto e automático, entre virtude/ações boas e vícios/ações condenáveis, pois, para ele, uma pessoa poderia agir motivada pelo interesse particular e o seu gesto acabar contribuindo para a felicidade da maioria. Do mesmo modo, um gesto de uma pessoa virtuosa poderia resultar em prejuízo para a coletividade.

Tal argumento chocava-se com a visão do autor de *A América Latina*, pois no seu raciocínio, interesse particular e bem geral eram termos antagônicos e inconciliáveis. O primeiro foi vinculado ao individualismo, à ambição, ao egoísmo, à dominação, ao colonialismo, ao poder, à exploração, à escamoteação, ao preconceito. O segundo referia-se à idéia de integração entre as pessoas e entre as nações, de fraternidade, de harmonia social, de cooperação. Por isso, Bomfim ficou mais próximo do anarquista Kropotkin, do socialista Wallace ou das concepções de Darwin, e distante dos utilitaristas. Ele comungava com os três a concepção segundo a qual os seres humanos tendem a procurar a companhia dos outros e em que a troca, o acolhimento, a negação dos exclusivismos devessem prevalecer nas relações sociais.

A rejeição da ética utilitarista tinha a ver com a inclinação de Bomfim pelo “socialismo”, ou o que muitos entendiam por socialismo em sua época. Ele assim foi considerado por Sílvio Romero, que o chamou de “socialista bastardo”. Antonio Candido²² associou o seu “radicalismo” à proximidade dessa corrente política e de pensamento. Roberto Ventura e Flora Sússekind²³ escreveram um texto sobre o autor intitulado “Uma teoria biológica da mais-valia?”. Dante Moreira Leite afirmou que Manoel Bomfim não poderia ser compreendido em seu tempo porque aderira ao socialismo no momento em que os intelectuais, “direta ou indiretamente, estavam seduzidos pelas realizações de Mussolini na Itália”.²⁴ No começo do século XX havia certa sedução de parte da intelectualidade pelos ideais identificados com o socialismo.²⁵ Frise-se que ele era amigo de Elysio de Carvalho, o qual dizia ter lido “escritores socialistas”, freqüentou centros operários e idealizou a Universidade Popular, cuja finalidade era propiciar o acesso dos trabalhadores ao ensino superior.²⁶

Esse ideal “socialista” estava muito próximo das proposições de certos liberais que, no século XIX, tiveram de repensar o próprio liberalismo no momento em que a Europa assistia à ascensão das massas e ao fortalecimento das reivindicações dos socialistas. A resposta do que Roque Spencer Maciel de Barros denominou de “novo liberalismo”²⁷ foi enfatizar problemas concretos (sociais e econômicos) sem, contudo, abandonar as idéias abstratas, como os direitos inalienáveis do homem. Coube a intelectuais como Stuart Mill refundar o liberalismo, agora “com olhos abertos para os novos problemas sociais” (Barros, 1986, p.68).

Os rumores desse debate chegaram ao Brasil. Nas três últimas décadas do século XIX a questão central que os liberais tiveram de enfrentar era de outra natureza, pois a preocupação dos liberais brasileiros concentrou-se na luta contra a escravidão e pela implantação da República. Os reformadores sociais do período viam as instituições como organismos velhos e fossilizados e enfatizaram a necessidade de reformá-las, condição indispensável para o país resolver seus dramáticos problemas econômicos e sociais. Era preciso “libertar” do cativeiro o homem, a terra, o voto e a consciência. O país idealizado pressupunha o trabalho livre, a pequena propriedade, a laicização da vida cultural e educacional e o sufrágio universal. O problema a ser enfrentado pelos homens “ilustrados” brasileiros ultrapassava a questão das liberdades individuais. A tarefa de refundar o Estado e a “nação” implicava enfrentar aspectos concretos da realidade, como a distribuição da terra, a inserção dos ex-escravos e de outros trabalhadores pobres da cidade e do campo na sociedade como cidadãos, a instrução etc.

Foi nessa atmosfera político-cultural que as idéias liberais do “novo liberalismo”, do socialismo, do comunismo e do anarquismo, as quais muitas vezes eram confundidas, subsidiaram de alguma forma a crítica social na *Belle Époque* brasileira. Não era por outro motivo que políticos e intelectuais liberais, cujos discursos formavam um contrapeso em relação ao pensamento dominante, foram chamados pejorativamente de “anarquistas”, de “socialistas” ou de “comunistas”, ou foram vistos por seus intérpretes como inclinados a aceitar as idéias dessas correntes de pensamento.

A aproximação entre Bomfim e o “socialismo”, no momento em que escreveu o livro *A América Latina*, faz sentido se o pensarmos como um reformador social liberal, que foi atraído pelas concepções da “esquerda”, das quais se serviu para refletir sobre a realidade nacional, desigual e injusta. Ser “socialista”, nesse contexto, referia-se, em primeiro lugar, à necessidade de dotar a população desprotegida pelo Estado dos direitos à cidadania: a instrução, a

moradia, o voto; em segundo, ao dever ético de construir vínculos entre o homem culto e a população, sendo ele o seu porta-voz ilustrado. Certamente, era esse o ponto de vista do nosso autor. De um texto laudatório dedicado ao seu amigo Olavo Bilac pode-se imputar a ele os atributos com que qualificara o poeta. A seu ver, Bilac comungava com todas as “grandes aspirações da sua época: socialista, internacionalista e pacifista”.²⁸ O termo “socialista”, tanto para Bilac quanto para Bomfim, tinha a ver com a concepção de solidariedade, de justiça, de fraternidade, interesses convergentes e “democracia social” (sendo este o autêntico “ideal moderno”).²⁹

DARWIN E A GUERRA

Acompanhamos o esforço de Bomfim para desvincular as idéias de Darwin das teorias racistas. Para finalizar o artigo, abordaremos o que ele escreveu sobre a tentativa de diversos intelectuais de conectar as idéias de Darwin a uma pretensa inclinação inata da espécie humana para a guerra. Sobre o tema ele escreveu, no primeiro ano da Primeira Guerra Mundial, dois artigos, que foram publicados no *Jornal do Commercio*, intitulados “A obra do germanismo” e “Darwin e os conquistadores”.³⁰

Em “Darwin e os conquistadores”, o alvo de sua crítica foi o general Von Bernardi, autor muito lido em sua época e cujos livros foram traduzidos para várias línguas. Bernardi apropriou-se da noção de “luta pela existência” com a finalidade de afirmar que a guerra era uma necessidade biológica. Procurava *naturalizar* um assunto de caráter econômico e político. Para ele havia países fortes e fracos e cabia aos primeiros o direito legítimo de conquistar, dominar, expandir o seu território. Essa tese opunha-se diametralmente às idéias de Bomfim, para quem a solidariedade e a simpatia mútua deveriam nortear as relações humanas, mesmo entre as nações. A noção de civilização também colocava em campos opostos o general e o intelectual brasileiro. Para o primeiro, civilização significava força, vitalidade e vontade de expansão territorial. Para Bomfim, civilização associava-se à reunião dos seres humanos em tribos e nações, até formar-se a solidariedade universal que uniria a espécie humana pelo sentimento de simpatia.

Bomfim viu no militarismo de Bernardi a manifestação do “espírito” alemão. A solidariedade, do ponto de vista germânico, era “só para dentro”, nacional. Para fora, preconizava a necessidade da força, da dominação. Esta forma de conceber as relações internacionais não tinha outra dimensão que a “grandeza material”. O nosso autor esmerou-se em atacar os que utilizaram as

concepções de Darwin com o intuito de dar suporte teórico para legitimar o que ele chamou de “imperialismo”.

CONCLUSÃO

Na ótica de vários de seus intérpretes, Manoel Bomfim foi um intelectual original, entre outras razões, por ter rechaçado a noção segundo a qual existiam raças superiores e inferiores. Bomfim combateu o racismo, não desejou o “branqueamento” da população brasileira, não aceitou os motivos, alicerçados no evolucionismo, que justificariam pretensões imperialistas dos países hegemônicos (entenda-se Europa e Estados Unidos). O autor de *A América Latina*, pelo contrário, estudou a realidade brasileira como “antropólogo”, como afirmou Darcy Ribeiro, chamou a atenção para a necessidade de enxergar as nações a partir de sua realidade e não de uma suposta perspectiva universal. Respondendo aos apologistas da competição, da guerra, dos que legitimavam a dominação e o aniquilamento dos povos conquistados pelos colonizadores, que se baseavam na noção segundo a qual os fortes vencem porque são “naturalmente” mais aptos, Bomfim insistiu em que a idéia de “luta pela existência” referia-se à predisposição dos seres humanos para a “ajuda mútua”, a cooperação, o altruísmo, a solidariedade de grupo, classe e nação. Apoiou-se em Darwin para alicerçar suas convicções políticas e ideológicas. Bomfim pode ser aproximado, portanto, de autores como o socialista Wallace e o anarquista Kropotkin, todos influenciados por Charles Darwin.

NOTAS

¹ Este artigo é uma versão de um dos capítulos de minha tese de doutorado, intitulada “Explorando em campo minado: a sinuosa trajetória intelectual de Manoel Bomfim em busca da identidade nacional”, defendida na PUC-SP em 2006. A pesquisa teve apoio do CNPq.

² SKIDMORE, Thomas E. *Preto no branco: raça e nacionalidade no pensamento brasileiro*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976. p.133.

³ BOMFIM, Manoel. *Compêndio de zoologia geral*. Paris: Garnier, 1902; *Elementos de zoologia e botânica gerais*. Paris: Garnier, 1904.

⁴ BOMFIM, Manoel. *O Brasil Nação: realidade da soberania brasileira*. Rio de Janeiro: Topbooks, 1996. p.198-199.

⁵ GOULD, Stephen Jay. Prefácio. In: DARWIN, Charles. *As cartas de Charles Darwin*. Uma seleta (1825-1859). São Paulo: Ed. Unesp, 1996. p.15.

⁶ Sobre o tema, ver SKIDMORE, 1976, p.65-70; sobre Agassiz, ver SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil (1870-1930)*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993. p.48; GOULD, Stephen Jay. Racism arguments and QI. In: *Ever since Darwin: reflections in natural history*. New York: W. W. Norton, 1992. p.243.

⁷ HIRST, Paul Q. *Evolução social e categorias sociológicas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1977. p.21-22.

⁸ Sobre o assunto, ver a carta de Darwin endereçada a J. D. Dana, 29 set. 1856. In: DARWIN, 1996, p.241-242.

⁹ RIBEIRO, Darcy. “Manoel Bomfim, antropólogo”. In: BOMFIM, Manoel. *A América Latina: males de origem*. Rio de Janeiro: Topbooks, 1993. p.16.

¹⁰ DESMOND, Adrian; MOORE, James. *Darwin: a vida de um evolucionista atormentado*. São Paulo: Geração Editorial, 2000. p.434.

¹¹ Sobre Wallace, ver DESMOND; MOORE, 2000, p.539, 572; CROOK, Paul. *Darwinism, war and history: the debate over the biology of war from the Origin of species to the First World War*. Cambridge: University Press, 1994. p.57.

¹² KROPOTKIN, Pietr. *Ética: origen e evolucion de la moral*. Buenos Aires: Argonauta, 1925. p.39.

¹³ GOULD, Stephen Jay. Kropotkin não era nenhum Pancrácio. In: _____. *Viva o brontosauro: reflexões sobre a história natural*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. p.321.

¹⁴ DARWIN, Charles. *A origem das espécies e a seleção natural*. São Paulo: Hemus, 2000. p.69.

¹⁵ DARWIN, Charles. *The descent of man*. Chicago; London; Toronto: Encyclopaedia Britannica, 1952, esp. cap. III.

¹⁶ A tradição filosófica mencionada viria desde Bacon, Locke e Smith até Stuart Mill e Spencer. BOMFIM, 1993, p.250.

¹⁷ Sobre Bentham, ver RICHARDS, Robert J. *Darwin and the emergence of evolutionary theories of mind and behavior*. Chicago and London: The University of Chicago Press, 1987. p.235; MILL, Stuart. *O utilitarismo*. São Paulo: Martins Fontes, 2000. p.41.

¹⁸ SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões e criação cultural na Primeira República*. São Paulo: Brasiliense, 1983. p.121.

¹⁹ BOMFIM, Manoel. “Advertência”. In: BOMFIM, 1993, p.34.

²⁰ Referência ao que se viu posteriormente à implementação da política financeira, denominada de Encilhamento, da autoria de Rui Barbosa, então ministro da Fazenda do Governo Provisório. Em carta dirigida a André Rebouças, em 28 de janeiro de 1893, Joaquim Nabuco expressou o seu desalento com os caminhos tomados pela jovem República, trans-

formada em “reinado da ladroagem e da jogatina” e em que se perderam quaisquer parâmetros de moralidade. NABUCO, Joaquim. “Cartas a amigos” (Coligidas e anotadas por Carolina Nabuco). In: *Obras Completas de Joaquim Nabuco*. São Paulo: Instituto Progresso Editorial, 1949. t.XIII, v.I. p.220-221.

²¹ PRADO JR., Caio. *História econômica do Brasil*. São Paulo: Círculo do Livro, s.d. p.228-229.

²² CANDIDO, Antonio. “Radicalismos”. *Revista do Instituto de Estudos Avançados*, São Paulo, v.4, n.8, p.4-18, jan.-abr. 1990. p.12.

²³ SÜSSEKIND, Flora; VENTURA, Roberto. Uma teoria biológica da mais-valia? (Análise da obra de Manoel Bomfim). In: _____. *História e dependência: cultura e sociedade em Manoel Bomfim*. São Paulo: Ed. Moderna, 1984.

²⁴ *O caráter nacional brasileiro: história de uma ideologia*. 5.ed. São Paulo: Ática, 1992. p.251, grifo no original.

²⁵ A respeito afirmou Wilson Martins: “a idéia, ou, pelo menos, a palavra de socialismo estava tão generalizada ... em 1906”. Cf. MARTINS, Wilson. *História da inteligência brasileira*. 3.ed. São Paulo: Cultrix, 1978. v.5 e 6. v.5, p.304.

²⁶ A respeito dos objetivos da Universidade Popular, afirmou: “empreender o ensino superior e educação social do proletariado”. Citado em AGUIAR, Ronaldo Conde. *O rebelde esquecido: tempo, vida e obra de Manoel Bomfim*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2000. p.280-281. A filiação de Bomfim e Elysio de Carvalho ao “socialismo” pode ser matizada caso se leve em conta que Carvalho afirmou ter lido autores socialistas embora cite anarquistas (Proudhon, Bakunin, Kropotkin) e afirme ser um “individualista coletivo”. MARTINS, 1978, p.349. Raymundo Faoro lembrou que Machado de Assis teve contato com o “confuso rumor que o fim do século XIX projetava da Europa para o mundo, rumor que confundia, apaixonadamente, socialismo, anarquismo e comunismo”. Ver. FAORO, Raymundo. *Machado de Assis: a pirâmide e o trapézio*. São Paulo: Globo, 2001. p.360.

²⁷ BARROS, Roque Spencer Maciel de. *A ilustração brasileira e a idéia de universidade*. São Paulo: Edusp, 1986. p.65.

²⁸ Olavo Bilac: estudo sobre a vida intelectual do poeta. *Kosmos*, Rio de Janeiro, abr. 1904, grifo nosso. Francisco Foot Hardman, autor de um artigo sobre a literatura anarquista no período conhecido como pré-modernismo, referiu-se aos temas que faziam parte do ideário anarquista: oposição capital *versus* trabalho, “o internacionalismo, pacifismo e antimilitarismo, cientificismo progressista, anticlericalismo, solidariedade universal dos explorados”. Cf. HARDMAN, Francisco F. Palavra de ouro, cidade de palha. In: SCHWARZ, Roberto (Org.). *Os pobres na literatura brasileira*. São Paulo: Brasiliense, 1983. p.81. Observe-se que Bilac e Bomfim defenderam os mesmos ideais. Ademais, como lembram Brito Broca e Machado Neto, a época assistiu à penetração do socialismo utópico e do anarquismo (na versão de Tolstói e Kropotkin) no meio intelectual. BROCA, Brito. *A vida literária no Brasil — 1900*. 2.ed. Rio de Janeiro: J. Olympio Ed., 1960. p.163; MACHADO NETO, A.

L. *Estrutura social da república das letras: sociologia da vida intelectual brasileira — 1870-1930*. São Paulo: Grijalbo; Edusp, 1973. p.210.

²⁹ BOMFIM, Manoel. “Olavo Bilac: estudo sobre a vida intelectual do poeta”. *Kosmos*, Rio de Janeiro, abr. 1904.

³⁰ BOMFIM, Manoel. “A obra do germanismo”. *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 17 ago. 1914; “Darwin e os conquistadores”, *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 13 nov. 1914.